

29/09 - Quinta aula

Sobre a câmera fixa e a mudança de caráter do plano

Quadro único e frontal: parente da percepção natural, da inteligência

Não há comunicação de conjuntos variáveis remetendo-se uns aos outros.

O plano é uma determinação unicamente espacial que indica uma "porção" de espaço a esta ou aquela distância da câmera, do primeiro plano ao plano distante (cortes imóveis): o movimento não é, assim, liberado por si mesmo e permanece preso aos elementos, personagens e coisas, que lhe servem de móvel ou de veículo.

Diríamos que ele se compara com a percepção natural ancorada.

Finalmente, o todo se confunde com o conjunto em profundidade, de tal modo que o móvel o percorre passando de um plano espacial a outro, de uma porção paralela a uma outra, cada uma com sua independência ou seu foco

Como o movimento se liberou das pessoas e das coisas?

Plano se torna móvel, raccord de planos fixos.

Essas duas formas ou meios só intervinham para realizar um potencial contido na imagem fixa primitiva, isto é, no movimento enquanto ainda preso às pessoas e coisas. É este movimento que já era próprio do cinema, e que reclamava uma espécie de liberação, não podendo se contentar com os limites em que o mantinham as condições primitivas. Tanto que a imagem dita primitiva, a imagem **em** movimento, definia-se menos por seu estado que por sua tendência.

Casos:

1º caso movimento da câmera.

2º caso continuidade do raccord (ver Burch p.25)

3º caso profundidade de campo A mesma evolução aparece na história da pintura, entre os séculos XVI e XVII: uma superposição de planos onde cada um é preenchido por uma cena específica, e onde os personagens se encontram lado a lado, é substituída por uma visão completamente diferente. da profundidade, em que os personagens se encontram em linha oblíqua e se interpelam de um plano ao outro, em que os elementos de um plano agem e reagem sobre os elementos de um outro plano

Curto-circuito entre primeiro plano e plano de fundo

4º caso plano sequência. rebate todos os planos espaciais sobre um único primeiro plano que passa por diferentes quadros de tal modo que a unidade do plano remete a perfeita planura da imagem

As imagens sem profundidade ou com profundidade rasa formam um tipo de plano correção e deslizante, que se opõe ao volume das imagens profundas. (pensar em Sudoeste)

Enfim,

O falso raccord

O falso raccord não é nem um raccord de continuidade nem uma ruptura ou uma descontinuidade no raccord. O falso raccord é por si mesmo uma dimensão do Aberto, que escapa aos conjuntos e as suas partes. Ele realiza outra potência do extracampo, este alhures ou esta zona vazia, este "branco sobre branco impossível de filmar". Gertrud passou através daquilo que Dreyer chamava de quarta e quinta dimensões. Longe de romper o todo, os falsos raccords são o ato do todo, a cunha que cravam nos conjuntos e suas partes, assim como os verdadeiros raccords são a tendência inversa das partes e dos conjuntos de se reunirem em um todo que lhes escapa.

<https://youtu.be/7m6gPBen4cs>

Resumindo

Por um lado, as partes e seus conjuntos entram em continuidades relativas, através de raccords imperceptíveis, de movimentos de câmera, de planos-sequência de fato, com ou

sem profundidade de campo. Entretanto, sempre haverá cortes e rupturas, ainda que a continuidade se restabeleça a posteriori, a mostrar claramente que o todo não está desse lado. O todo intervém por outro lado e numa outra ordem, como aquilo que impede os conjuntos de se fecharem sobre si ou uns sobre os outros, o que atesta uma abertura irreduzível às continuidades, tanto quanto às suas rupturas.

pode-se dizer que essa unidade submete-se a uma dupla exigência — em relação ao todo, cuja mudança ela exprime ao longo do filme e em relação as partes, cujos deslocamentos em cada conjunto e de um conjunto ao outro ela determina

Montagem (todo)

Do começo ao fim de um filme, algo muda, algo mudou. Entretanto, este todo que muda, este tempo ou esta duração, parece poder ser apreendido só indiretamente, em relação às imagens-movimento que o exprimem. A montagem é essa operação que tem por objeto as imagens-movimento para extrair delas o todo, a idéia, isto é, a imagem do tempo

Lembrando (sempre tendo em vista os três níveis e a constante articulação entre eles) enquadramento-seleção de objetos num sistema fechado, plano-movimento com dupla articulação em q o deslocamento das partes remete a uma mudança no todo e montagem o todo como agenciamento das imagens-movimento enquanto imagem indireta da duração, da mudança.

O mov exprime a duração ou o movimento como relação entre partes exprime uma mudança como afecção do todo

Os movimentos de translação sempre, por natureza, exprimem as mudanças do todo.

Os movimentos no espaço, os movimentos de translação sempre remetem a mudanças qualitativas ou evolutivas.

Não interessam as mudanças de posição do móvel, mas sim saber como se realiza no todo uma mudança de aspecto.

A duração não deixa de ser, a cada instante, o movimento de se dividir e de se reunir

Montagem

Se consideramos os três níveis — a determinação dos sistemas fechados, a do movimento que se estabelece entre as partes do sistema, a do todo cambiante que se exprime no movimento — há tamanha circulação entre os três que cada um pode conter ou prefigurar os outros. Certos autores poderão, portanto, já "pôr" a montagem no plano ou até no quadro, e, assim, dar pouca importância a montagem por si mesma. Mas a especificidade das três operações continua subsistindo até na sua interioridade mútua. O que cabe a montagem, em si mesma ou em outra coisa, é a imagem indireta do tempo, da duração

Não um tempo homogêneo, mas sim um duração e um tempo efetivos que decorrem da articulação das imagens-movimento

Quatro grandes "escolas"

- 1) Orgânica (EUA)
- 2) Dialética (URSS)
- 3) Quantitativa (França pré guerra)
- 4) Intensiva (expressionismo alemão)

1. Griffith

Montagem alternada paralela.

Ritmo da passagem sucessiva das relações binárias

Inserção do primeiro plano.

Permuta de dimensões, miniaturização do conjunto. Caráter subjetivo e qualitativo

Montagem convergente ou concorrente.

que faz alternarem os momentos de duas ações que vão se encontrar. E quanto mais as ações convergem, quanto mais a junção se aproxima, mais rápida é a alternância (montagem acelerada)

da situação de conjunto à situação restabelecida ou transformada, por intermédio de um duelo, de uma convergência de ações. A montagem americana é orgânico-ativa. É errôneo acusá-la de se ter submetido a narração — ao contrário, é a narratividade que decorre desta concepção da montagem.